

2019

JORNAL IF EM AÇÃO

IFSP - Campus Piracicaba

ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Manifesto da Arte Libertária

Ao direito da Arte em ser apenas a Arte e não o Artista se assim o quiser

Por Amanda Oliveira - 2º Informática

Estimado aluno do Ensino Médio, eu, mera admiradora e produtora de arte, a você dirijo as seguintes palavras, de modo que, demasiadamente serenas e, simultaneamente, desconcertantes, alcancem em teu âmago o que há de mais artístico no mundo: a liberdade de ser arte e ser artista; a liberdade de estarmos vivos na diversidade.

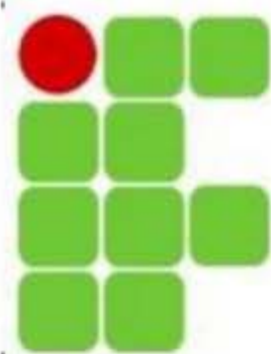
Há muito tempo é dito que a arte é objeto e veículo da expressão humana: modo de libertação, busca ou divulgação de uma perspectiva de mundo distinta da qual se encontra a maioria, através dos sentidos e da própria racionalização da espécie – ou, vista de modo físico, utilizada para configurar o que é dado como desordenado, partindo do pressuposto de que o universo tende à desordem.

Não surpreendentemente, a arte surge e desenvolve-se juntamente com a evolução do homem e, por consequência, do indivíduo em determinado meio social e ambiental. Esta aparece, primordialmente, como pintura rupestre e – muito possivelmente – por meio de outros métodos que utilizavam exclusivamente de recursos naturais básicos como forma de ritual. Segundo isso, de maneiras variadas, a arte acompanhou o desabrochar e diversificação da cultura, desde as tribos isoladas na América até àqueles que se dispunham dela a partir de uma realidade mística – como ocorre na Antiguidade. Tal influência durante a história nunca se apagou e graças a isso seu sentido também passou por vários caminhos diferentes, tornando-se até um meio de manipulação, hierarquização e julgamento entre pessoas de valores diferentes.

Mas o que se pensa ao ouvir a palavra Arte? Pinturas, esculturas, música, fotografia, teatro? Cada movimento artístico na história buscava a liberdade de uma forma de arte até então rotulada e, coincidentemente, acabava por recriar sua própria crítica. Foi objeto de ensino, foi manifestação da razão, foi auxílio em lutas por direitos, foi motivo do sentimento mais eufórico da existência de alguém: uma verdadeira alegria ou um mais sincero desejo de desistir.

O Artista faz a arte, e esta lhe serve como ponte ao mundo. A arte consome o artista. Mas quem é este Artista? O que de fato é esta arte? Dentre os diversos movimentos, tem-se o Dadaísmo – que contém forte influência anárquica –, cuja principal representação é dada por Marcel Duchamp; apesar do grande debate causado por suas exposições e declarações, destacam-se uma de suas falas e uma obra em específico. “Não acredito em arte. Acredito em artista”. Dita de maneira equivocada, as orações citam o Artista como protagonista nessa peça conceitual; quando se pergunta quem é o artista na camada popular da sociedade, é respondido que este nasce com um dom para tais feitos ou que este é alguém que vem se esforçando em tal ramo e que muito já praticou, alcançando o patamar de dignidade para ser de fato um “fazedor de arte”. É irônico ouvir comentários do gênero, já que todas estas mesmas pessoas são, também, Artistas. “Na verdade, antes de mais nada, o mundo da arte gosta de isolar um ‘gênio’” (THORNTON, 2014. p. 8); o motivo de tal denominação tão ampla está no verdadeiro significado de arte – que em tudo se complementa com a caracterização do Artista.

Continua ->



2019

JORNAL IF EM AÇÃO

IFSP - Campus Piracicaba

ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Manifesto da Arte Libertária - Parte 2

Por Amanda Oliveira - 2º Informática

É possível também fazer-se um paralelo entre a arte e a cultura, já que ambas alteram-se de forma conjunta. Fundamentado no fato de que arte é cultura, pode-se assumir que, assim como a esta, aquela surge antes mesmo da formação do Homo Habilis – primeiro homínido do gênero Homo –, ou seja, a arte independe do ser humano, é um conceito vivo e, conseqüentemente, surge juntamente com a vida na Terra. Mesmo desconsiderando isto, Marcel Duchamp traz uma grande polêmica através da exposição de uma obra que mostra, basicamente, um vaso sanitário em um canto solitário; ao declará-la arte, os questionamentos descritos no decorrer desse manifesto se aplicam.

Um exemplo prático de tais fundamentos é a fotografia: ela seria arte apenas porque um artista retratou de certo ângulo uma determinada paisagem – e com determinado efeito – ou seria, na verdade, uma forma de arte independente? Ao assumir a arte como independente, devemos nos ater à certeza de que isso só se faz possível graças à existência de uma forma de vida, sendo esta um conceito líquido – seguindo o pensamento de Zygmunt Bauman e sua análise da sociedade atual, sendo então desenvolvido o aspecto de liquidez sobre diversos comportamentos sociais ou da própria modernidade em si.

Fazendo uma analogia com a energia, a arte não se cria e, sim, se transforma. Viver na Era Contemporânea nos dá uma ampla gama de conhecimentos, experiências e, principalmente, questionamentos; é com extrema indignação e frustração que escrevo agora sobre o quão decepcionante é manter-me em um mundo no qual as pessoas ao meu redor simplesmente não pensam fora do que lhes é proposto, ou melhor, imposto. Não os culpo; pelo contrário, reservo-me a apenas tentá-los entender conforme suas determinadas funções e oportunidades na sociedade. De todo modo, a superficialidade está a nos sobrepor, e isto é infelizmente inegável; o indivíduo não conhece o que está à sua volta, não conhece a si próprio, não busca sua expressão no mar de pensares e sentires. Não me importa qual caminho ou definição de arte leve consigo se souber que a arte é algo tendenciosamente relativo, foge de uma definição exata, racional, científica, e, graças a isso, a mesma preserva-se como arte, preserva-se a essência do Artista, sem tratamento ordinário, sem condições de exceção.

Poderia se questionar quem sou eu para falar tais coisas e qual a solução para o gigantesco problema que a ausência tão ampla de seu próprio conhecimento artístico ocasiona, assim como o impacto global em aspectos culturais, morais e econômicos que isso traria. Quando falamos de arte, todos possuem direito de fala; mesmo aqueles que a tratam de modo a dar-me asco. Sou cidadã comum, mas, antes disso, sou um ser vivo, possuo cultura. A arte me levou para caminhos os quais estão marcados na minha pele e em meu sorriso, impregnados de emoção, impregnados de admiração e, também, de companhia; tudo partiu da tentativa do sentir euforicamente, de um pensar entusiasmante, é uma busca básica de significados complexos em coisas de extrema simplicidade e, como de costume, irrelevantes. Esta busca resulta em viver intensamente, viver com respeito ao que me é existente: as formas e as cores; a falta de empatia nunca faltará ao ser, refletindo o que poderia ser um mundo até mesmo utópico. Será você apenas mais um repercutindo uma falsa ideologia de liberdade?

“Estar viva é meu próprio manifesto.” Amanda Oliveira Jorge – Piracicaba, 13 de setembro de 2019.

Editores:

Ana Gabriela Périco - Professora

Pietra Machado - 2º Informática